

NEGOCIAÇÃO E OPRESSÃO: OS SUJEITOS DO ENTRE-LUGAR EM “SELVA TRÁGICA”

Lourdes Kaminski Alves *
Tallyssa Izabella Machado Sirino **

Resumo: A narrativa de “Selva Trágica” (2011), de Hernâni Donato, é situada na fronteira Brasil-Paraguai, ao sudeste do atual Mato Grosso do Sul, e, num híbrido de romance e relato, narra a saga de personagens oprimidos pela Companhia Mate Laranjeira, empresa de exploração de erva-mate, que possuía o monopólio dos ervais brasileiros e paraguaios e recrutava trabalhadores de ambos os lados da fronteira para que trabalhassem em regime semi-escravo enquanto interessasse à Companhia. Considera-se, para os fins deste estudo, que a opressão imposta suprimia também as identidades e valores nacionais das personagens, sem considerar a hibridez daquele espaço, de forma que às personagens não restava outra escolha senão negociar as diferenças e que esta negociação se dava, principalmente, por meio da linguagem. Nesse sentido, este artigo visa refletir sobre a negociação das identidades e valores culturais nacionais decorrentes da opressão sofrida pelos personagens advindos destes dois países diferentes – Brasil e Paraguai –, o que torna o espaço diegético um entre-lugar, conforme proposto por Homi Bhabha (2010).

Palavras-chave: Selva Trágica. Entre-lugar. Negociação e opressão.

NEGOTIATION AND OPPRESSION: THE SUBJECTS FROM THE IN-BETWEEN PLACE IN SELVA TRÁGICA

Abstract: The novel *Selva Trágica* (2011), by Hernâni Donato, occurs on the borderline between Brazil and Paraguay, at the Southeast of what is today Mato Grosso do Sul, and mixing novel and reporting, tells the story of characters oppressed by a hierba-matte Company, well known in Brazil as Companhia Mate Laranjeira, that used to own the monopoly of the hierba-matte sources in Brazil as well as in Paraguay, and recruited workers from both sides of the borderline to work on a semi slave regime as long as it was part of the Company's interests. For the aims of this study, it is considered that the oppression imposed to the characters also suppressed the national identities and values, without considering the hybridity of such space, in a way that there was no other choice to the characters but to negotiate their differences through language. Hence, this paper aims to reflect about the negotiation of national identity and cultural values that occurs due to the oppression suffered by characters from these two different countries – Brazil and Paraguay –, fact that makes the narrative space an in-between-place, as stated by Homi Bhabha (2010).

Keywords: *Selva Trágica*. In-between place. Negotiation and oppression.

“Selva Trágica”: personagens imbricados ao processo de produção da erva-mate

“Selva Trágica” (2011) narra a história de personagens que representam homens e mulheres que sentiram o peso do trabalho direto com a erva-mate, nos ervais brasileiros, durante o monopólio da Companhia Mate Laranjeira, na fronteira entre Brasil e Paraguai, ao sudeste mato-grossense. O autor da obra, Hernâni Donato, relata que o personagem principal da narrativa é a erva, e que personagens secundários seriam a terra, o tempo e o sonho e, apenas depois disso, viriam os

indivíduos subjugados pela empresa. No entanto, por meio da análise da obra percebe-se que as personagens humanas estão diretamente relacionadas às duas primeiras: a terra, o tempo e o sonho fazem parte do imaginário humano em “Selva Trágica”, pois é neles que se constroem os sonhos que os levam ao mundo do mate, e que os motivam, após nele entrarem, a sair daquela selva funesta. Já a erva-mate exerce um papel contraditório na história: ao mesmo tempo em que comanda a sociedade no erval e é a matéria-prima de um sistema brutal de exploração; ela refresca e dá sustento aos trabalhadores, por meio do tereré que tomam a cada manhã, que contém os benefícios medicinais da planta.

As personagens do trato direto com a erva são chamadas, na narrativa, de mineiros. Recorrendo à definição do *iDicionário Aulete*, o vocábulo mineiro é designado em três sentidos diferentes – o primeiro, sendo referente à minérios e jazidas de metais, o segundo, ao indivíduo que nasce no estado brasileiro de Minas Gerais, e o terceiro, ao trabalhador, colhedor ou explorador, de erva-mate.

Em “Selva Trágica”, a narrativa se divide em várias narrativas simultâneas, porém, há uma subdivisão implícita entre as duas lutas travadas pelas personagens: a luta do trato direto com a erva – que ocorre nos núcleos das personagens trabalhadoras, como Augusto, Flora, Pablito e Pytã e os *changays* – e a luta política. Dentro da luta política, a personagem central é Luisão, um líder político que luta pelo fim do monopólio da Companhia Mate Laranjeira, representa também a voz contextualizadora da narrativa. Uma das situações que vivencia é a da morte de um jornalista que veio da capital para investigar a ação da companhia na região.

Há momentos nos quais as melhorias proporcionadas pela Companhia são narradas, deixando claras as intenções e motivações da Companhia para tanto. Como nos dois excertos a seguir:

Tão fundo estão agora buscando a erva que as carretas rodam semanas antes de encostar na fronteira. Então a Companhia, que punha pressa em receber a erva, fez construir uma estrada de ferro. Até uma estrada de ferro o mate construiu no coração da América! (DONATO, 2011, p. 214).

Incluem indícios contextuais das cidades construídas e desenvolvidas a partir do trato com a erva-mate:

A Companhia, que precisava da erva com muita pressa, esticou a estrada de ferro até a boca dos depósitos. Porto Murtinho virou

cidade. Mas foi triste para os carreteiros e arrieiros que não passaram mais para os lados gostosos das terras paraguaias. (DONATO, 2011, p. 215).

O período histórico abordado pela narrativa se encerra com a notícia corrente de que chegou ao fim – por meio de decisão do então presidente Getúlio Vargas – o monopólio da Companhia Mate Laranjeira em terras brasileiras.

A narrativa a partir da fronteira Brasil-Paraguai: o regional-universal

Apesar de, neste artigo, se buscar refletir sobre a negociação das identidades culturais e suas representações, acredita-se relevante abordar “Selva Trágica”, em termos de literatura, dentro da região cultural do que é hoje o Mato Grosso do Sul, por considerar a diversidade da produção literária brasileira. Para tanto, apoia-se nas reflexões de Paulo Sérgio Nolasco dos Santos (2008) sobre a situação desta região em particular. Segundo o autor, o processo de formação cultural particular característico da região funde-se a processos culturais diversificados. Neste processo, o próprio e o alheio articulam-se num mesmo universo cultural, constitutivo de um receptáculo para os estudos regionais, culturais e interculturais, próprios de uma região de fronteira¹.

Esta diferenciação entre regional e nacional ainda será apontada e discutida, com base nas concepções de Stuart Hall (2011) e Homi Bhabha (2010), no item *A alteridade na fronteira: a negociação das identidades em trânsito*, a fim de entender como a construção destes personagens – advindos da fronteira – os faz representar indivíduos do entre-lugar² estetizado pela região fronteira, todavia, não sem antes considerar o local de produção de “Selva Trágica” como uma parte – o regional – integrante de um todo – o nacional³.

Santos (2008) aborda que o debate sobre o conceito de super-regionalismo, proposto por Antonio Candido, considerando um sentido mais amplo das narrativas americanas, contribuiu para promover um questionamento e consequente resignificação sobre o local de enunciação fundador da heterogeneidade cultural.

Nesse sentido, o autor relaciona tal questionamento à reflexão do crítico uruguaio Hugo Achugar (2006) no que se refere à importância do lugar “de onde se fala ou a partir de onde se teoriza” (SANTOS, 2008, p. 27), porém, destaca-se a reflexão do autor sobre a ideia de que as heterogeneidades latino-americanas têm suas bases fincadas nos lugares, nas paisagens e nos territórios, e o processo de

homogeneização ou globalização, nesse contexto, fazem aflorar diferenças e integrações que apresentam uma dinâmica própria, e “as paisagens culturais funcionam em vários e múltiplos tempos e direções.” (SANTOS, 2008, p. 27).

A perspectiva de Achugar é especialmente abordada por Santos pelo posicionamento crítico do uruguaio, que contempla as margens e resíduos da nação moderna, assinalando nacionalismo e regionalismo como opções de resistência cultural. Para Santos “pensar a partir da América Latina seria pensar a partir da periferia, não como desqualificação do pensamento, mas como forma de situá-lo geográfica e politicamente.” (SANTOS, 2008, p. 28).

Segundo o autor, a partir daí, o próprio conceito de região precisa ser reverificado, compreendendo este espaço como “dinâmica de um processo” no qual a relação entre a região, o espaço e suas representações reflitam as diferentes formas de representação assumidas por este espaço. Tanto como engloba identidades híbridas, as narrativas provenientes deste espaço também serão transpassadas por temas decorrentes da mescla cultural.

Ainda observa que as relações entre o próprio e o alheio se dão no contexto mato-grossense no sentido de caracterizar uma região cultural específica, que é fortemente transpassada por trocas culturais, na busca por explicar tais relações de transferências, no entrecruzamento entre duas regiões. O autor argumenta que o Mato Grosso se caracteriza como sendo um *Melting-pot* por ser parte da fronteira Brasil-Paraguai.

As histórias contadas nesse espaço híbrido são marcadas pela escritura a partir da margem, longe dos centros culturais. Observa-se, na região, uma identidade comum com o Paraguai, por estar situada na “extensa área territorial que recobre o 'chaco' paraguaio” (SANTOS, 2008, p. 30), fazendo parte da linha imaginária que separa os dois países.

Segundo o autor supracitado, as perspectivas a partir das quais se pode compreender a história do extremo oeste brasileiro são tão variadas quanto é sua construção identitária (SANTOS, 2008, p. 31). O processo de colonização e desbravamento do estado do Mato Grosso, que foi influenciado pela marcha dos bandeirantes, foi consequência de redemarcações e rasuras nas fronteiras territoriais, fruto tanto da Guerra do Paraguai, quanto da divisão do Estado em território brasileiro. Mas, independente dos limites geográficos, seu povoamento ocorreu em um espaço “indelimitado e indiviso” como aponta Santos, sobre o dilema fundacional do Mato Grosso, resultantes das travessias estabelecidas nesse espaço:

O dilema da representação cultural que constitui, a um só tempo e num só compasso, o daqueles que vivem do lado de cá, no Brasil, e os do lado de lá, no Paraguai. Assim sugerida, a postulação de uma 'região cultural', caracterizadora do extremo oeste do Brasil, deixa entrever aspectos histórico-culturais de formação que vêm desde o 'descobrimento' pelos europeus, a captura do índio, o encontro de metais e prata na Bolívia, e ouro em Mato Grosso, durante vários séculos, acabando no 'despovoamento' e no esquecimento, que resultou tão rápido quanto foi o fato da ocupação nesta região. (SANTOS, 2008, p. 30).

As marcas evidentes da tradução cultural na região se mostram nas produções simbólicas do Estado, como em sua cultura, língua, culinária, literatura, costumes e manifestações religiosas. Segundo tais estudos, as trocas comerciais no Estado eram todas feitas com o Paraguai, e não com o Leste brasileiro ou com os outros centros comerciais da época.

Tal fato histórico-cultural confirma o isolamento particular, marcado pela extração de erva-mate e pelas práticas culturais voltadas para as produções simbólicas próprias do Estado, tendo como exemplo a *guarânia*, música local que representa a identidade e a alma do povo da região, fortemente marcado pelos costumes advindos da erva-mate, como é o caso do hábito de tomar o *tereré* – bebida feita a partir da erva-mate.

Ao refletir sobre a produção literária de autores da região matogrossense, Santos assevera que o caráter regional da obra de arte não exclui sua nacionalidade ou universalidade.

Assim regionalismo e/ou localismo põem em demanda, por um lado, uma atitude de valorização da cor local na ficção, a paisagem da campanha, paisagem interiorana, paisagem fronteira, influxos de migrações e ainda, por outro lado, abrem-se de modo positivo para uma reflexão mais ampla e integradora da dialética globalização *versus* localização, constituindo a perspectiva crítica atualmente mais produtiva, baseada num discurso crítico latino-americano hoje solidamente constituído. (SANTOS, 2008, p. 33).

Esta seria, então, para o autor, uma perspectiva revitalizadora proposta pelo debate da crítica cultural contemporânea. O regional a partir do caráter universalizante da produção artística transpassa as barreiras e distâncias geográficas, como se aponta no fragmento abaixo:

Daí verificar-se que elementos comuns numa dada região, como no

caso da região amazônica, no Norte, com a épica de seus heróis viajantes, personagens sempre de passagem, mas que acabam presos no solo viscoso da selva amazônica, enredados em cipós e na imensidão da selva verde, encontram ressonância na região da fronteira Brasil-Paraguai, no extremo Sul da região Centro Oeste. (SANTOS, 2008, p. 36).

A ressonância de textos como “A Selva” (1930), de Ferreira de Castro e “Relatos de um certo oriente” (1990), de Milton Hatoum pode ser encontrada em “Os heróis da erva” (1987), “Vivência ervateira” (1991) e “No mundo bruto da erva-mate” (1991), de Hélio Serejo, e em “Selva Trágica” (1956)⁴ e “Chão Bruto” (1958), ambos de Hernâni Donato. O “em comum” dessas obras é que tanto na região amazônica quanto na fronteira do Brasil com o Paraguai no Mato Grosso, a selva reflete as histórias de vida de pessoas que habitam um mundo “distante e periférico”, vivenciando situações de barbárie (SANTOS, 2008, p. 36).

Segundo Santos (2008), Hélio Serejo talvez seja o “irmão literário” mais próximo de Donato, pois ambos os escritores narraram a partir de uma mesma situação: a brutalidade do mundo da exploração ervateira. A diferença, porém, é que Donato narrou a partir de experiências alheias a si, pois, nascido em São Paulo, coletou em território distante a matéria-prima de suas narrativas que tematizam a erva-mate, enquanto Hélio Serejo se coloca na narrativa como sendo também seu personagem. Santos observa que:

É do próprio Hélio Serejo a caracterização mais adequada do *locus* de enunciação de sua variada produção de textos e o próprio lugar da cultura na qual se filiou, num emaranhamento resultante no contexto geral de sua prosa poética. (SANTOS, 2010, p. 5).

A obra de Serejo é apontada pelo teórico como contendo em si o registro das condições culturais do Mato Grosso, conferindo a Serejo a formatação da tradução cultural da região. Também são feitas reflexões sobre o regional a partir de uma construção duplamente verificada: por um lado, verifica-se o registro e a fala acerca do local e da fronteira, representada num “linguajar” regional, que é matéria-prima para a constituição, bem como para a sua adequação ao universo representado.

A partir destas reflexões de Santos, observa-se que a relação entre autor e personagem em narrativas de fronteiras se torna substantiva, ao atingir a “força épica que transcende o lugar, espaço da enunciação, abrindo-se para o outro como fator de entrecruzamento, para o mundo como espaço de diálogo e escritura dos

textos.” (SANTOS, 2008, p. 37).

Concluindo a reflexão, o autor cita Ángel Rama para observar que a “*suposta homogeneidade cultural latino-americana*” é meramente ideológica, consequência do processo de colonização do continente e da fundação das nações, e que escondido no discurso da unidade, há o desdobramento de uma diversidade interior que melhor descreve o continente (ROCCA, *apud* SANTOS, 2008, p. 40) e essa diversidade é apontada por Santos como característica do olhar da crítica cultural contemporânea, quando denuncia “intenções político-ideológicas durante o período de construção dos Estados nacionais, atuando no sentido de anular quaisquer influxos literários entre as literaturas de fronteira” como, segundo ele, de fato ocorreu, em especial no Sul do país, com o intuito de isolar comunidades interliterárias, como é o caso de Brasil, Argentina e Uruguai (SANTOS, 2008, p. 40).

Por fim, o autor retoma Manoel de Barros – o poeta do Pantanal – para fazer um esclarecedor apontamento do lugar de onde enuncia, podendo ser lido também como o lugar de onde enuncia Hernâni Donato, ao narrar a trágica vida dos ervais, a partir de relatos alheios. Os “deslimites do vago” são lugares que independem de linhas geográficas, pois as atravessam e conversam para além delas:

No Pantanal ninguém pode passar régua [...] A régua é existidura de limite. E o Pantanal não tem limites. [...]. Por aqui é tudo plaino e bem arejado pra céu. Não há lombo de morro pro sol se esconder detrás. Ocaso encosta no chão. Disparate de grande este cortado. Nem quase não tem lado por onde a gente chegar de frente nele. Mole campanha sem gumes. Lugares despertencidos. (BARROS, *apud* SANTOS, 2008, p. 41-42).

Nessa perspectiva, a fronteira e sua característica heterogeneidade própria, configuram, para Santos, um olhar além do óbvio, do senso-comum, como se finaliza a seguir:

Evocando também o ponto alto das reflexões de Achugar, ao sublinhar em que medida a transformação na construção das identidades locais está regida pela tradição, pelo rito, ou pela inércia – e não pela globalização. Pensar a heterogeneidade própria e histórica de nossos países mediante a qual nossas tradições e heranças culturais permitem combinar, mestiçar, hibridar, transculturar o hambúrguer do Mcdonalds com o mate uruguaio, o chimarrão e o tereré tal como ainda agora fazemos na fronteira Brasil – Paraguai. Pensar assim a imagem de uma Babel, como no recente filme de Alejandro González Iñárritu (2006), lugar que nos ensina a ver para além dos binarismos. (SANTOS, 2008, p. 42).

Desta forma, reflete-se que a literatura de fronteira é não apenas a representação de uma determinada região, mas também a síntese do local como representante do universal.

Jerri Roberto Marin (2008), em seu estudo sobre as intertextualidades presentes em “Selva Trágica”, afirma que a obra constitui “uma narrativa que preserva a dimensão estética da linguagem literária e constitui-se num testemunho de época, a partir das representações dos ervais mato-grossenses e da fronteira Oeste.” (MARIN, 2008, p. 1). A obra é apresentada por Marin como sendo uma interpretação ficcional que retrata uma possível história dos trabalhadores da Companhia Mate Laranjeira, espaço trágico em que o ser humano é colocado à prova, longe dos sentidos federativos, sociais e políticos.

O autor enfatiza que a região foi representada como uma selva brutal, infernal, isolada, um pesadelo onde todos viviam e de onde todos desejavam fugir. As relações sociais advindas da extração da erva-mate eram desiguais e contraditórias e beneficiavam apenas uma minoria estrangeira. Os ervateiros, por não estarem ao alcance da legitimação do Estado, da Justiça e da Igreja, estavam submetidos às leis impostas pela Companhia e à rígida disciplina de trabalho imposta pela empresa, e tais fatores resultavam num elevado índice de mortalidade, num morticínio, como apontado por Marin (2008). Essas condições negativas são vistas por Marin como sendo importantes no sentido de reforçar o olhar sobre a região, sendo esta um:

Outro *locus*, em que o significado de mundo ermo recriava-se às avessas e, portanto, não se incorporava às interpretações lógicas da nacionalidade e do catolicismo. Mato Grosso era representado como uma região multiétnica, multinacional e de convergências multiculturais. (MARIN, 2008, p. 1).

A partir de estudos como o da literatura da fronteira Brasil-Paraguai, como é o caso de “Selva Trágica”, podem-se perceber as singularidades e a universalidade da América Latina como um todo. Sua pluralidade talvez seja seu maior conceito unificador. Nesta crença, o Mato Grosso representado em “Selva Trágica”, tão distante de outras regiões do Brasil, e mais próximo geográfica e culturalmente do país vizinho, é também Brasil. Assim como o Brasil, tão distinto dos países de colonização espanhola, é também América Latina. E assim como se crê que o Brasil não seria Brasil sem suas muitas diferenças, tampouco o seria a América Latina. Ao

representar o local, apresenta-se também ao leitor a pluralidade cultural das sociedades contemporâneas, refletida na cultura latino americana.

A alteridade na fronteira: a negociação das identidades em trânsito

Considera-se que, em “Selva Trágica”, a negociação das identidades é constante, pois, tanto brasileiros quanto paraguaios partilham da opressão imposta pelo capital estrangeiro, na figura da Companhia Mate Laranjeira. As personagens, ao serem oprimidas igualmente pela empresa, sem que suas identidades nacionais sejam levadas em conta, sofrem de forma igual o peso do trabalho e o valor da erva-mate que produzem independente de suas nacionalidades, portanto, a diferenciação entre ser brasileiro e ser paraguaio é jogada para segundo plano ao ser contrastada com as diferenças entre a realidade social do Mato Grosso do início do século XX e os centros consumidores de erva-mate, aparecendo, na narrativa, apenas nas trocas culturais como a partilha de costumes entre culturas, como o hábito de tomar o *tereré* antes de sair para o trabalho, as vestimentas, dentre outros.

Primeiramente, tem-se por intuito questionar os conceitos de “brasileiros” e “paraguaios”, para tanto, recorre-se a Stuart Hall (2011), para quem as identidades nacionais não são algo com o que nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação* e as culturas nacionais são compostas por instituições culturais, tanto como por símbolos e representações, sendo, assim, um discurso – “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.” (HALL, 2011, p. 51). Sendo assim, para Hall, a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos, um sistema de representação cultural e, o sujeito dentro desta concepção, não é apenas cidadão de uma nação, mas sim, parte de uma ideia da nação tal como é representada em sua cultura nacional.

Hall, revisitando Benedict Anderson, afirma que a identidade nacional é uma cultura imaginada e que “as diferenças entre as nações residem nas formas diferentes pelas quais elas são imaginadas.” (HALL, 2011, p. 51). Nesse sentido, a narrativa da cultura nacional é apontada por Hall como tendo cinco elementos principais – dos quais, elegem-se o primeiro, o terceiro e o quinto como relevantes para este estudo. Em primeiro lugar, o autor aponta a narrativa da nação, como é contada e recontada por meio das histórias e das literaturas nacionais, da mídia e da cultura popular, fornecendo elementos que simbolizam ou representam as coisas

que dão sentido à nação. Como participantes dessa “comunidade imaginada”, nos vemos mentalmente compartilhando dessa narrativa que dá um sentido maior à nossa existência, como algo que existia antes de nós e que continuará após nossa morte.

A terceira estratégia discursiva consiste no que Hobsbawm e Ranger, citados por Hall (2011) concebem por invenção da tradição: a tradição inventada é, para os autores, um conjunto de práticas rituais ou simbólicas que prevêm uma continuidade através da repetição de valores e comportamentos tidos como provenientes e constituintes de um passado histórico considerado adequado.

Por fim, Hall apresenta que a identidade nacional muitas vezes se baseia simbolicamente na ideia de um povo puro ou original, mas que, na maioria das vezes, não é esse povo primordial que, nas realidades do desenvolvimento, persiste ou exercita o poder. E, nesse sentido, o discurso da cultura nacional constrói identidades que são postas entre o passado e o futuro, se equilibrando entre o desejo de retorno ao passado e o impulso por seguir adiante em direção à modernidade. A tentação de voltar ao passado perdido, no qual a nação era grande e de restaurar as identidades passadas muitas vezes atinge as culturas nacionais, constituindo o elemento regressivo e anacrônico da cultura nacional.

De acordo com Hall (2011), esse retorno ao passado frequentemente oculta uma luta de mobilização das pessoas por purificar “suas fileiras”, expulsando os “outros” que ameaçam sua identidade, e por preparar uma “nova marcha para a frente”, ressaltando as particularidades que constituem o discurso da nação para poder disputar com outras nações e seus discursos de poder (HALL, 2011, p. 57). Os nacionalismos do mundo moderno são, dessa maneira, a expressão ambígua desse desejo por assimilar o universal e ao mesmo tempo ser constituído pelo particular, reinventando as nações pelo jogo duplo de um “universalismo através do particularismo e de um particularismo através do universalismo.” (WALLERSTEIN, 1984, *apud* HALL, 2011).

Na desconstrução da cultura nacional, identidade e diferença dialogam, e são apontados por Hall três conceitos que são considerados por ele como ressonantes daquilo que constitui a cultura nacional como sendo uma comunidade imaginada: as memórias do passado, o desejo por viver em conjunto e a perpetuação da herança. O autor retoma Timothy Brennan (1990) para quem a palavra nação tanto se refere ao conceito moderno do que conhecemos por estado-nação, quanto ao que engloba o termo *natio* – que seria uma “comunidade local, um domicílio, uma condição de

pertencimento.” (BRENNAN, 1990, p. 45).

Assim, as identidades nacionais seriam a fusão dessas duas ideias de nação, confluindo a opção de ser membro do estado-nação político, quanto a de pertencer e se identificar com a cultura nacional. Mas, a ideia de unificação é transpassada pelo fato de dentro desse desejo de homogeneizar, existirem infinitas diferenças, como gênero, raça e classe, e, sendo assim, não se podem anular e subordinar as diferenças culturais, o poder da identidade nacional, portanto, não é tão unificador quanto parece ser.

Então a cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e unificação simbólica: é também uma estrutura de poder cultural. Um exemplo para ilustrar este ponto na narrativa de “Selva Trágica” é quando aparece a referência à arroba, geralmente atrelada ao peso do raído – saco cheio de erva carregado pelos mineiros – a medida equivalente refere-se à arroba paraguaia, reafirmando que, mesmo sob os poderes do Estado brasileiro, a região de fronteira é um espaço em que estes poderes culturais se entrecruzam.

Desta forma, para responder ao questionamento sobre a nacionalidade que iniciou esta discussão, não se nasce “brasileiro”, tampouco “paraguaio”, mas sim, se forma e representa como tal. Todavia, considerando que este é um conceito que deve levar-se em conta também o espaço, nesta representação de ser “brasileiro” ou ser “paraguaio” podem haver trocas culturais e, conseqüentemente, negociações decorrentes da proximidade física, ainda que a identidade nacional esteja mais atrelada à construções do imaginário que ao espaço físico.

As trocas culturais decorrentes deste processo influenciam na rotina das personagens – que agregam valores, costumes e hábitos característicos da outra “comunidade imaginada”: brasileiros agregam valores culturais paraguaios e vice-versa, como narrado, em “Selva Trágica”, dentre outros, no forte costume do consumo do tereré, o mate frio e refrescante, e na utilização dos vocábulos guaranis e castelhanos para descrever coisas referentes a esta rotina, como se vê na passagem abaixo:

O dia do mineiro, peão cortador de erva, começa no meio da noite, às três e trinta. A mata, os bichos, os caminhos, as aves dormem ainda e o mineiro estremunha. Cansado da véspera e das muitas vésperas. *Prepara o tereré, enrola nos pés a plantilla, bebe tereré, calça as botas de couro, bebe tereré, calça as botas de couro, bebe tereré, come bocados da comida sobrada da tarde anterior, bebe tereré e mergulha no caatim.* (DONATO, 2011, p. 27, grifo nosso).

A repetição da descrição de *beber tereré* aponta quão forte era esse costume na cultura dos mineiros, apontando para a relação entre o costume e a infiltração da cultura guarani e paraguaia em território brasileiro, mostrando a forte presença do “outro lado do rio”, mesmo que politicamente se quisesse acreditar num Brasil unificado, apegando-se à ilusão de que a Guerra do Paraguai havia eliminado quaisquer traços culturais que poderiam haver nos territórios que antes pertenciam ao país vizinho.

Nos parágrafos a seguir, aponta-se a linguagem como sendo representante desta resistência da cultura paraguaia dentro da brasileira, pois a presença destes vocábulos, especialmente para a descrição da rotina, demonstra o entrecruzamento e permanência daquela nesta, como se lê abaixo:

Caminha tonto de sono, agoniado e sombrio. Enquanto a noite se desmancha no dia ainda distante, essa tristeza escorre pelos caminhos, remansa no largo central da *vaqueria* e de novo se espalha e flui pelos *tapê-hacienda* e destes ao *tapê-poi*, trilhas furadas no mato até a mina – a ilha da erva-mate no mar verde da selva. (DONATO, 2011, p. 27-28, grifo nosso).

Os vocábulos grifados significam, respectivamente, o rancho central, o caminho de casa ou caminho-mestre e trilhos que cortam o *tapê-hacienda* em todas as direções, e sua significação dentro da obra, pode ser lida como a presença alheia na cultura brasileira, mostrando a região como pertencente a um país que não lhe unificava ou homogeneizava, pois, à diversidade cultural típica da região de fronteira, se adicionava o fato de que muitos cidadãos paraguaios eram trazidos ao Brasil para trabalharem nos ervais, desta forma, a cultura dos dois países se entrecruzava, negociando identidades e poderes culturais.

Ao narrar a saga dos mineiros, o narrador utiliza-se do substrato linguístico em que aparecem as diversidades linguísticas da região de fronteira, a exemplo de palavra do castelhano empregada na citação a seguir: “No vigésimo dia da *monteada*” (DONATO, 2011, p. 17, grifo nosso), tais exemplos se repetem ao longo da narrativa, revelando um Brasil muito mais parecido ao país fronteiriço do que aquele representado nas narrativas que se voltam para o espaço urbanizado de São Paulo ou do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, aponta-se que as identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e

contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas. Tais negociações se fazem mais recorrentes na fronteira, por esta ser tanto espaço de brasileiros e paraguaios, quanto “terra de ninguém”, por estarem geograficamente distantes dos centros políticos dos dois países. Negociar as identidades se transforma para as personagens da narrativa, item de sobrevivência, e desta forma, o entrecruzamento das culturas nacionais é constante. Nesse sentido o autor de “Selva Trágica” enfatiza uma reflexão contemporânea: “ ‘fronteiras nos seguram, fronteiras nos autorizam’. Não são limites, nem demarcações, nem divisas, nem territórios. São fronteiras, zonas limítrofes.” (Projeto Fronteiras, 2001).

Desta forma, a fronteira pode ser interpretada também como um entre-lugar, conforme postula Homi Bhabha, para quem:

É na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios de diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas da nação [nationness], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. De que modo se formam sujeitos nos ‘entre-lugares’, nos excedentes da soma das ‘partes’ da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero etc.)? (BHABHA, 2010, p. 20).

Como se lê acima, Bhabha considera ser na sobreposição e no deslocamento das diferenças o “local” onde ocorrem as trocas culturais entre os sujeitos, e a formação que advém destas trocas é questionada pelo teórico e apontada como ocorrendo através da linguagem. Desta forma, os sujeitos-personagens da fronteira Brasil-Paraguai narrada em “Selva Trágica” são pertencentes a este entre-lugar, pois são os excedentes – cada um de sua respectiva nação – se encontram às margens, de sociedades e nações diferentes, no entanto, partilham do “estar na margem”. Tal diferença pode ser vista na narrativa como sendo de classe – habitantes de um lugar esquecido pelos Estados brasileiro e paraguaio e subdesenvolvido – e de gênero, visto que as mulheres eram designadas à condição de objeto e, portanto, passíveis de posse.

O reconhecimento da tradição, inclusive, é apontado como sendo ponto parcial de identificação, aparecendo como diálogo entre passado e presente, pois, ao reencenar o passado, o próprio passado introduz outras “temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição.” (BHABHA, 2010, p. 24-25). O que sugere que não há algo como identidade original ou uma tradição recebida. Haveria, sim, processos de deslocamento e disjunção que não totalizam a experiência, estando,

as identidades nacionais sujeitas a esses processos.

No contexto de “Selva Trágica”, portanto, brasileiros e paraguaios não são apenas membros de uma entidade política – Brasil ou Paraguai – são parte de uma ideia de nação, mas, sendo uma cultura nacional um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto suas ações quanto a concepção que têm de si mesmos – poderia estar suscetível a mudanças provenientes de choques com outras estruturas de poder cultural, pois as mesmas também se encenam na representação.

Hall sugere que, ao invés de pensar as culturas nacionais como unificadas, dever-se-ia concebê-las como constituintes de um “dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade.” (HALL, 2011, p. 62). Atravessadas por divisões e diferenças externas arraigadas, são apenas unificadas através do exercício de diferentes formas de poder cultural.

Desta maneira, as identidades representadas na narrativa são identidades culturais não-fixas, suspensas, em transição, entre diferentes posições, que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais. São personagens que se traduzem⁵, pois quebram o falso dilema de se ter que escolher entre retornar e preservar as raízes ou assimilar-se totalmente dentro da nova cultura.

Sendo assim, esses indivíduos em trânsito serão sempre portadores de identidades híbridas. Essa hibridez é decorrente de toques e diálogos culturais, muito presentes na região de fronteira que constitui o espaço diegético de “Selva Trágica”, para que esse encontro aconteça, porém, é necessário o ato de “ir além”, além dos limites da própria cultura, para poder ver, reconhecer e se relacionar com aquelas que também marcam seu espaço na fronteira entre o “eu” e o “outro”. Para Homi Bhabha, “além” “significa distância espacial, marca um progresso, promete o futuro” (BHABHA, 2010, p. 23), porém, para que se vá além, de fato, é necessário que haja uma ligação com o tempo presente, para que esse movimento faça sentido, como apontado abaixo:

Diferentemente da mão morta da história que conta as contas do tempo sequencial como um rosário, buscando estabelecer conexões seriais, causais, confrontando-nos agora com o quê Walter Benjamin descreve como a explosão de um momento monádico desde o curso heterogêneo da história, ‘estabelecendo uma concepção do presente como ‘o tempo de agora’. (BHABHA, 2010, p. 23).

Aponta-se, então, para a postulação de Hall (2011) sobre a *tradução*, pois, ao se reinventar para dialogar com o novo, o diferente, há uma espécie de rompimento parcial com o passado, que se liga no presente, projetando um futuro. Em “Selva Trágica”, é essa negociação de identidades que ocorre com as personagens, há na simbologia do rio um desejo de retorno ao tempo passado, como em Flora, Pytã ou Augusto, mas há também a necessidade de sobreviver nos ervais, de obedecer a uma lei única, a respeitar uma forma também única de rotina, e é também sempre presente o desejo de um futuro em que as personagens possam se libertar da opressão que sofrem, muitas vezes relacionado ao desejo de retorno ao “além-rio”. Essa perspectiva das personagens pode ser interpretada como resultante do trabalho fronteiriço, pois, como aponta Bhabha:

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com ‘o novo’ que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um ‘entre-lugar’ contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O ‘passado-presente’ torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABHA, 2010, p. 27).

A opressão tenta homogeneizar as culturas que se encontram em “Selva Trágica”, paraguaios, brasileiros e índios Guarani são igualmente explorados, sem que haja espaço para confrontos culturais, como sugere a narrativa. Ressalva-se, porém, que não se afirma neste estudo que esses conflitos não tenham acontecido durante o período de exploração, apenas que, na narrativa, a opressão e a violência, e a decorrente resistência possível estão em primeiro plano, além das diferenças culturais. Assim como no trecho acima é mencionada a importância da necessidade de se viver no entre-lugar. O entre-lugar da narrativa é a fronteira, onde se precisa sobreviver acima de tudo, onde passado e presente precisam dialogar para que as personagens possam almejar, de alguma forma, sua sobrevivência, ou, em alguns raros casos, um futuro.

No que se refere à tradução, a esperança de retorno à terra natal é presente em muitas personagens, porém, a opressão que sofrem e o desejo de libertação do sistema semiescravo em que vivem, bem como a hibridez da fronteira, une as personagens em uma cultura talvez mais parecida entre si do que ao resto do país:

É um processo de deslocamento e disjunção que não totaliza a experiência. Cada vez mais, as culturas “nacionais” estão sendo produzidas a partir da perspectiva de minorias destituídas. (BHABHA, 2010, p. 25).

Considera-se, por fim, que as personagens de “Selva Trágica” representam essas minorias destituídas e que criam a representação de suas identidades a partir da alteridade – do encontro do “eu” com o “outro”, pois, as personagens da narrativa, por serem residentes em uma região de fronteira, estão em constantes trocas entre o eu e o outro, e vivenciando o choque e a tradução de culturas. Os trabalhadores da Companhia caminham em busca de novos ervais, adentrando um dos lados da fronteira, buscando novas fontes de exploração natural, mostrando o cotidiano de lutas e sofrimento de pessoas à margem – homens pobres e as mulheres desses homens pobres, retratando, a todo o momento, as relações de opressão/resistência estabelecidas entre eles e o sistema opressor da erva-mate, numa constante troca e negociação de identidades que são, como discutido pelo aporte teórico, transformadas no interior da representação.

Notas

* Lourdes Kaminski Alves é doutora em Literatura Comparada e Teoria Literária pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e coordenadora do programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, nível de mestrado e de doutorado da UNIOESTE. E-mail: lourdeskaminski@gmail.com

** Tallyssa Izabella Machado Sirino é mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), especialista em Ensino e Línguas Estrangeiras Modernas pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná e professora colaboradora na Universidade Estadual do Centro Oeste - Unicentro. E-mail: tallyssa_m5@hotmail.com

¹ As contribuições de Paulo Sérgio Nolasco dos Santos (2008) e de Jerri Roberto Marin (2008) são fundamentais para esta pesquisa, pois se tratam de dois pesquisadores que se voltaram para refletir sobre a ideia de região e sobre a produção literária da região de fronteira que envolve o Mato Grosso do Sul e suas estreitas relações históricas e culturais com o Paraguai.

² O conceito de entre-lugar é fundamentado nas concepções de Homi Bhabha, presentes em *O local da cultura* (2010), que integra o aporte teórico desta pesquisa. Tal conceito será apresentado no item: *A alteridade na fronteira: a negociação das identidades em trânsito*.

³ Para Stuart Hall, as identidades nacionais não se sobrepõem às outras formas de identificação, pois considera as mesmas como a fusão de duas ideias de nação, retomando Timothy Brennan (1990) para quem a palavra nação tanto se refere ao conceito moderno do que conhecemos por estado-nação, quanto ao que engloba o termo *natio* – que define uma “comunidade local, um domicílio, uma condição de pertencimento.”, confluindo a opção de ser membro do estado-nação político, quanto a de pertencer e se identificar com a cultura nacional. No entanto, a ideia de unificação é transpassada pelo fato de dentro desse desejo de homogeneizar, existirem infinitas diferenças, como gênero, raça e classe, e, deste modo,

não se podem anular e subordinar as diferenças culturais. Tal conceito, porém, será mais amplamente trabalhado também no item a seguir.

⁴ “Publicado em 1956 – quando o grande Romance Regionalista de 30 já esgotara suas forças vivas – “Selva Trágica” resulta do novo olhar com que a matéria-prima regional começara a ser redescoberta, exigindo a criação de uma nova Palavra.” Citação de Nelly Novaes Coelho, orelha do livro, edição de 2011.

⁵ A *Tradução*, no sentido de Hall (2011) é um processo que descreve as formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, formado por pessoas que foram dispersas para sempre de sua terra natal, mas que ainda retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, sem a *ilusão* de um retorno ao passado.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. Fronteiras, territórios e territorialidades. **Revista da ANPEGE**, v. 2, n. 2, p. 103-114, 2010.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

_____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.

_____. Literatura e Subdesenvolvimento. In: **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

DONATO, Hernâni. **Selva Trágica**: a gesta ervateira no sulestematogrossense. São Paulo: Autores Reunidos, 1959.

DONATO, Hernâni. **Selva Trágica**. Taubaté: Letra selvagem, 2011.

_____. **Selva Trágica**. São Paulo: Edibolso, 1976.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

MARIN, Jerri Roberto. Limiares entre História e Literatura em *Selva Trágica*, de Hernani Donato. In: SANTOS, Paulo S. N. (org.). **Literatura Comparada**: interfaces e transições. Campo Grande: UCDB/UFMS, 2001.

_____. A elaboração de *Selva Trágica*, de Hernâni Donato. In: **Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC** - Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo: 2008.

_____. Hibridismo cultural na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Bolívia. In: ABDALA-JUNIOR, Benjamin; SCARPELLI, M. Fantini. (org.) **Portos flutuantes**: Trânsitos ibero-afro-americanos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. **Fronteiras do local**: roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense. Campo Grande: Ed. UFMS. 2008.

_____. Viventes dos pantanais e cerrados. **Raído**, v. 4, n. 8, p. 93-108, jul./dez. 2010.

Recebido em: novembro de 2013.

Aprovado em: março de 2014.